

Connecting Software evolui para cibersegurança e atrai sector público

Tecnologia ■ A empresa tem intenção de adquirir um espaço maior e pretende passar de 30 para 50 pessoas nos próximos dois anos.

Ruben Pires

rpires@medianove.com

Uma carência do mercado na área da cibersegurança tem sido aproveitada pela tecnologia instalada na Região Autónoma da Madeira. Connecting Software, para evoluir nesta área e com isso tem conseguido atrair o sector público, devido ao seu nível de *expertise*, diz o CEO da empresa, Thomas Berndorfer, ao *Economico Madeira*. A empresa tem intenção de adquirir um espaço maior e pretende passar de 30 para 50 pessoas nos próximos dois anos.

O sector da cibersegurança não é propriamente novo para a Connecting Software, que já explora a área há pelo menos sete anos, mas ultimamente tem ganho uma nova tração pelo aumento da procura dos clientes que têm revelado uma maior preocupação em terem os seus dados e processos, alguns deles considerados sensíveis, com um nível elevado de proteção.

O responsável pela empresa sublinha que a grande maioria (75%) dos produtos da Connecting Software têm algum tipo de correlação ou estão nesta área.

Thomas Berndorfer sublinha que o mercado “não tem” *middleware* que seja especializado na parte da segurança, uma área que é procurada por vários tipos de atividades económicas como por exemplo a militar, o sector público, a energia, o financeiro, e o da automação.

O *middleware* acaba por ser uma espécie de ponte, ou ligação, entre diversas aplicações, permitindo que os dados circu-



lem e dessa forma facilitar a vida aos utilizadores.

O CEO da empresa salienta que tem existindo uma “grande procura” por produtos que deem resposta ao nível da segurança e que existe um mercado de clientes que possuem “grandes necessidades” na área da cibersegurança.

“Temos muitos mais clientes para os quais é sensível este tema”, reforça Thomas Berndorfer.

Nesse sentido a Connecting Software tem conseguido se adaptar a estas novas exigências e devido a isso possui nos seus quadros um responsável pela área da cibersegurança (Ciber-



Thomas Berndorfer
CEO da Connecting Software

security Officer) tendo no total duas pessoas na organização que têm como função tornar a sua oferta de produtos nesta área cada vez mais segura.

Esta *expertise* da Connecting Software tem aberto as portas da empresa ao sector público.

O CEO da empresa sublinha que a Connecting Software tem certificação para responder às necessidades do sector público, e reforça que é preciso ter um nível de certificação elevado para ter acesso a este tipo de contratos.

“No final do dia é confiança e credibilidade. Desenvolvemos esta confiança neste sector [cibersegurança]”, diz Thomas Berndorfer.

A Connecting Software moveu a sua infraestrutura de IT que tinha na Eslováquia para a Madeira, devido à proximidade da guerra, tendo em conta que a Eslováquia faz fronteira com a Ucrânia, num processo que ficou concluído no ano passado. A Região passou a ter com esta mudança um *datacenter* e os seus servidores físicos na Região.

Opinião

O mega aeroporto!



Tiago Miguel Freitas

Adjunto para a Cooperação Externa da DRCCCE

Portugal é um país muito particular. Velho como o do Restelo, e sequeoso de Glória e fama como uma adolescente de Hollywood.

Portugal necessita sempre de um designio.

É assim que se alimenta, é desta forma que se “cumpr”, como diria Pessoa. Quando viamos aportar nas nossas costas os genoveses, ou percebíamos a chegada das caravanas do norte da África, considerávamos que o melhor era invadir a sul para tomarmos o comércio terrestre do oriente. Quando o comércio das praças marroquinas era mais deficitário em vidas lusas, do que em superávits de especiarias, lançámo-nos ao mar como navegadores-comerciantes. Não entrámos pelas terras descobertas adentro. Ficámos pela costa, fizemos acordos com líderes e reis tribais. Impusemos, porém, a lei do canhão a oriente.

Não queríamos ter escravagistas, mas comprámos e vendemos escravos como ninguém. Em finais de 60, o professor Marcello disse a célebre frase: “eu não quero ser um ditador!” O destino impôs-se. Nós também não queríamos ser colonialistas, mas onde há terra e nativos há colónias. E onde há colónias, há colonizadores. Especiarias, açúcar, escravos, ouro. O império fez-se de um tamanho desproporcional ao da metrópole.

Sempre tentando ser os maiores e melhores, contrariando a pequenez das fronteiras originais. O inverno salazarista, e a pobreza instalada, trouxeram com o designio último a guerra para manter o império.

Após a madrugada da liberdade e do perigo da albanização da costa ocidental Ibérica, impôs-se o

designio da Europa. Os fundos de coesão como panaceia para todos os males. Fundos esses, que existem para que o país se desenvolva a tal ponto que deixe de os necessitar. Nunca foi esse o nosso approach. A cada negociação de um novo quadro, o pânico da perspectiva de termos menos fundos.

Já percebemos que, embora a viagem europeia nos tivesse resgatado do século XIX para o século XXI, não é com fundos, ou apenas com estes, que vamos lá.

O novo designio é, portanto, o aeroporto de Lisboa. Já se questionaram porque raio é que Lisboa só pode ter, na mente de políticos, técnicos, académicos, intelectuais da nossa Praça, um único e gigantesco aeroporto? E que pode nem sequer ficar em Lisboa? Porque para estes seres pensantes, embora não confessem, a existência de um aeroporto, que por artes mágicas se transformará num hub tão imprescindível como imperativo, para os voos comerciais das Américas e África para a Europa, será o novo ouro das Minas Gerais, os novos escravos da foz do Zaire, ou novo açúcar dos sucacos da Calheta, para a fazenda pública nacional.

Todas as capitais europeias têm vários aeroportos, com distintas proximidades do centro, com diferentes valores de taxas, com voações complementares.

Lisboa não! Tem distinguir o seu aeroporto que goza de uma competitividade turística por ser absolutamente central, e em vez de complementa-lo com mais um, dois quem sabe três no prazo de década, aeroportos para low cost, para voos de escala, para ligação no resto do país, NÃO! vamos fazer um mega aeroporto que nos sustente! Circundado por uma megacidade aeroportuária, com um gigantesco centro logístico. Obrigar as companhias a abandonar as slots de Francoforte, Madrid, Charles de Gaule, e força-las a utilizar o “cais de Belém” dos novos tempos.

Esperemos que o novo governo tenha celeridade e juízo. Precisamos de um aeroporto complementar, e de evitar entregar a Portela á especulação imobiliária. Que se cumpra Portugal!